

GUIÃO D. JOÃO II

	Imagem	Texto
Pré- genérico 1	Defensor (filmado sem que o espectador reconheça quem seja) entra na Torre do Tombo. Ambiente de suspense e mistério. Defensor anda por corredores da Torre do Tombo, portas e luzes abrem à sua frente. Fecham-se pesadas à sua passagem.	
Pré- genérico 2	Defensor chega a uma sala. Luz ilumina parede onde está gaveta. Defensor (pela primeira vez filmado de modo a que se veja quem é) abre com cuidado a gaveta. Surge o Tratado de Tordesilhas.	<u>PAULO PORTAS (P.P.) V.O.:</u> Aqui, na Torre do Tombo, está guardado um dos mais importantes documentos da História universal de Portugal. É o Tratado de Tordesilhas.
3	Defensor junto de Tratado de Tordesilhas.	<u>PAULO PORTAS (P.P.):</u> Em 1494, Dom João II, o Príncipe Perfeito de Portugal, e Isabel a Católica, rainha de Castela que se fazia Espanha, dividem, com a bênção da Santa Sé, o Atlântico e o mundo por descobrir. Numa das metades, dominava Castela. Na outra, Portugal. Nessa nossa metade ficavam o Brasil – ainda

		<p>por descobrir -, as terras conquistadas de África e o caminho para a rentável Índia.</p> <p>Mais importante ainda: as duas Nações ibéricas não só evitavam disputas entre si, como impunham às demais a doutrina do “maré clausum”, segundo a qual os mares eram pertença de quem os descobrisse.</p> <p>É um dos acordos mais favoráveis da história de Portugal. Quem o ratificou foi quem o planeou: Dom João II, um Rei visionário, um diplomata hábil, um português moderno. O universalismo português deve muito a Dom João II.</p>
4	<p>Imagem de D. João II. Tratado de Tordesilhas. Imagem de D. João II.</p>	<p><u>PAULO PORTAS (P.P.) V.O.:</u></p> <p>Maquiavel terá pensado em D. João quando escreveu o Príncipe. Foi Lope de Veja quem lhe chamou “Príncipe Perfeito”. Isabel a Católica chamava-lhe, com admiração e respeito, “o homem!”. Dom João II reinou 14 anos e mudou o destino de Portugal. Fundou o Estado Moderno e planeou a expansão ultramarina. Institucionalizou Portugal como potência mundial no final do século XV.</p>
5	Genérico	Genérico
6	<p>Imagem de D. João II. Mapa mundo da época. Imagem D. João II.</p>	<p><u>P.P.:</u></p> <p>Não se chegou a Tordesilhas por acaso. Desde 1474 que Dom João, por encargo de seu Pai, era responsável pela expansão marítima.</p> <p>Dom João II sabia o que queria e sabia para onde ia. Queria garantir independência de Portugal; queria</p>

		<p>preservar a nossa posição em África; e queria chegar à Índia pelo Oriente. Muitas vezes tentou, algumas errou, mas nunca se afastou do objectivo que estava certo e foi atingido.</p> <p>Embora fosse um homem guerreiro e tivesse vitórias militares, Dom João II foi acima de tudo um homem de Estado. Usou, por isso, mais a diplomacia do que a guerra. A progressão de Portugal ao longo de África e pelos mares, fez-se procurando a amizade e o comércio com os povos que encontrávamos, fosse qual fosse a sua cor. Ao mesmo tempo, Dom João garantiu que Portugal era soberano e respeitado, através de acordos e tratados arduamente negociados com as outras potências europeia da época. A paz no continente, a liberdade nos mares – foi a sua política.</p>
7	<p>Paulo Portas à frente do Padrão dos Descobrimentos, em cima do mapa do mundo desenhado no chão. Filmado em plano de grua, plano picado, mostra todo o mapa e o defensor sobre ele. Grua desce até junto de P. Portas.</p>	<p><u>P.P. :</u></p> <p>Ele é, de facto, o Príncipe Perfeito, como lhe chamaram. Sem as suas medidas governativas, Portugal dificilmente teria sucesso na aventura dos Descobrimentos e conseguiria manter-se independente da vizinha Castela.</p> <p>Com D. João II o reino'antonio.figueirinhas@predirumo.pt' dá os passos decisivos na conquista de todo o Atlântico Sul e do caminho marítimo para a Índia.</p> <p>Ele é o monarca que, sem hesitações, centraliza o poder, pensa e projecta Portugal no futuro.</p> <p>A sua visão ambiciosa, a tenacidade e a audácia diplomática permitiram que o Brasil hoje fale português e que o comércio via caminho marítimo para a Índia enriquecesse o país.</p> <p>Os seus 14 anos de reinado mudaram o rumo de Portugal e deixaram uma herança valiosa, única na nossa história. E é devido ao seu sonho de um Portugal maior que xxx</p>

		milhões de pessoas falam português em todo o Mundo.
8	<p>Imagem D. Afonso V. Imagem de D. Isabel, sua mulher.</p> <p>Escudo da casa de Avis.</p>	<p><u>P.P. V.O.:</u></p> <p>Dom João II nasceu em 1455. Descendente de geração de Avis, o jovem príncipe, apesar de ser o terceiro filho, era o herdeiro desejado – um irmão mais velho morrera, a irmã mais velha morrera, a irmã teria problemas na sucessão.</p> <p>Dom João quase não conheceu a Mãe. Mas a relação com o Pai – D. Afonso V – marcaria, para o bem e para o mal, a sua educação e preparação para reinar. Dom João II foi, em todos os momentos, um filho leal. Várias vezes teve de resolver os problemas que o seu Pai criou e deixou.</p>
9		<p><u>P.P. :</u></p> <p>Portugal era um reino pequeno, pobre, profundamente rural e dominado por uma nobreza ainda feudal. D. Afonso V era o que chamaríamos um “mãos largas”. Para obter o apoio da nobreza às suas políticas, não a submeteu; ofereceu-lhe poder, mais poder, quase todo o poder. Quando D. Afonso V morreu, os ducados, em Portugal, tinham passado de 2 para 4; o número de condados subiu de 6 para 21; multiplicaram-se os títulos e a alienação das terras da coroa. Mau diplomata, D. Afonso V, envolveu o País em guerras curiosíssimas. Quando D. João II lhe sucedeu, afirmou, com sentido de humor, que só herdava as estradas do reino.</p> <p>Mas D. João II estava atento ao que se passava na Europa. Começava a época da centralização do poder, na</p>

		figura dos monarcas.
10	Em grafismo, imagem da Europa, com a divisão e/ou junção dos reinos.	<p><u>P.P. V.O.:</u></p> <p>D. João II será o primeiro Rei português a chamar a si todo o poder.</p> <p>Na segunda metade do século XV em que viveu, os turcos conquistaram Constantinopla. No que hoje é Itália, viviam-se os tempos dos Médicis e dos Sforza. Em Inglaterra, desencadeia-se a guerra das Duas Rosas, entre as Casas de York e Lancaster. Em França, reina Luís XI, um monarca que, passo a passo, centralizará o poder. O Papa continua a ser a grande autoridade do mundo católico.</p> <p>D. João II preocupa-se: aqui ao lado, no reino de Castela, uma mulher forte será uma grande Rainha. Isabel unifica os tronos de Castela e Aragão. Estava em vésperas de nascer uma Espanha poderosa. O equilíbrio peninsular torna-se frágil, a segurança de Portugal fica ameaçada.</p>
11	Ao lado de caravela	<p><u>P.P.:</u></p> <p>Enquanto jovem, D. João II seguiu a trajectória do pai nas conquistas do Norte de África.</p> <p>D. João era fisicamente corajoso. Demonstrou-o quando tinha, apenas, 15 anos. D Afonso V preparava a conquista de Arzila; o filho pede-lhe para integrar o seu exército. O cronista Damião de Góis relata o seu estado de espírito: <i>“depois de sua Alteza ter partido hei-de segui-lo e se não for como príncipe, será como aventureiro soldado”</i>. O rei</p>

		faz-lhe a vontade e é no desembarque em Arzila que D. João II se destaca como militar.
12		<p><u>P.P. V.O.:</u></p> <p>D.João faz parte do exercito de 30 mil homens com que o rei de Portugal toma Arzila. No final, o jovem príncipe mostrava o ferro torcido da sua espada, tantos e tais os golpes desferidos e recebidos. Ali foi armado cavaleiro, junto ao sangue derramado do Conde de Marialva: <i>“Filho, Deus vos faça tam bom cavaleiro como este aqui jaz”</i> disse-lhe o rei. D. João tinha 16 anos e começou ali a sua influência na política do reino.</p>
13		<p><u>P.P. V.O.:</u></p> <p>Anos mais tarde, na célebre batalha de Toro, quando Afonso V fazia a guerra contra Castela, D. João voltaria a revelar bravura e inteligência como general.</p> <p>O exército português tinha duas alas e o príncipe D. João comandava uma delas. Venceu os isabelinos e recolheu. Mas a ala chefiada por Afonso V foi destroçada. Nesta batalha que passou à história com resultado incerto, Portugal, por não vencer, perdeu. Mas afiançou-se a certeza de que D João II, se preciso fosse, saberia impor a lei da força.</p> <p>Ele, no entanto, preferiu quase sempre a força da lei. “Pela lei e pela grei”, seria a sua divisa.</p>
14	Paulo Portas na	

	embaixada de França, em Lisboa, jardins.	<p><u>P.P.:</u></p> <p>A partir de 1474, Dom João II recebe do pai a responsabilidade pela política ultramarina. D Afonso V entrega-lhe a liderança do comércio da Guiné e o governo dos domínios africanos. É este projecto – a expansão de Portugal pelo mar – que vai ocupar e definir o perfil de D.João II.</p>
15	Paulo Portas na embaixada de França, em Lisboa, jardins.	<p><u>P.P.:</u></p> <p>Pelo contrário, nos últimos anos do seu reinado, D Afonso V vira-se para a península, está obcecado com Castela e as circunstâncias permitem-lhe alimentar um sonho: a unificação das coroas portuguesa e castelhana.</p>
16	Sala de aula antiga, com ardósia.	<p><u>P.P.:</u></p> <p>Na verdade, em Dezembro desse ano - 1474 - morre o rei de Castela, Henrique IV. Abre-se uma querela sobre a sua descendência; na verdade, é uma verdadeira disputa pelo trono.</p>
17	Ardósia	<p><u>P.P.:</u></p> <p>O rei castelhano casara, em segundas núpcias, com uma irmã do rei de Portugal. Deste casamento nascera D. Joana que era, portanto, sobrinha do nosso Afonso V. Seria a herdeira legítima do trono, se uma facção não a acusasse de ser filha ilegítima, fruto dos amores da mãe com um fidalgo, Beltran de la Cueva. Dessa suspeição</p>

		<p>nasceu uma reputação – seria toda a vida conhecida como a Beltraneja, enquanto viveu foi uma assombração para Isabel a Católica e, diga-se de passagem, honradamente, até ao fim da vida, pensava e assinava com rainha que podia ter sido mas não era.</p> <p>Contra D. Joana, movimentou-se, como referi, Isabel, meia irmã do rei castelhano. Casaria com Fernando, rei de Aragão e far-se-ia proclamar rainha de Castela.</p> <p>O conflito não era necessariamente português. Porém, Henrique IV, antes de morrer, pede a Afonso V que ajude a Beltranaja, na sua legitimidade.</p>
18		
19	<p>Imagem D. Joana, a Beltraneja. Imagem de Isabel, a Católica. Imagem de D. Afonso V.</p>	<p><u>P.P. - V.O.:</u></p> <p>A nobreza estava dividida – lá e cá. Reunido o concelho real em Estremoz, D. Afonso decide, com o apoio do filho, mostrar-se firme e reivindicativo. A oficialização do conflito com Castela chega a um ponto de não retorno: D. Afonso aceita uma sugestão dos seus partidários do lado de lá da fronteira e casa com D. Joana. Isso mesmo!, o rei de Portugal, já com 43 anos, casa com a sobrinha, que tinha apenas 13. A união tem a oposição da Santa Sé e a guerra está declarada.</p> <p>O rei entrega, então a regência de Portugal a Dom João. <i>“Eu, se fosse senhor do mundo, confiaria de vós sem receio”</i>, diz o pai ao príncipe. Este responde com lealdade: <i>“obrigado sou a vos manter estes reinos e vo-los entregar pacificamente, cada vez que a eles tornardes, e se eu o contrário fizer, rogo a todos que me</i></p>

	<p>19-I</p>	<p><i>desobedeçam”.</i></p> <p><u>P.P. :</u></p> <p>A regência de Dom João é um contrato de limites mútuos. Por um lado, D. Afonso impede Dom João de retirar privilégios à nobreza – de quem depende cada vez mais. Por outro, Dom João obtêm do pai um compromisso secreto – não poderá fazer dádivas superiores a 10 mil reais sem seu consentimento.</p> <p>No fundo, pai e filho conheciam-se bem. D Afonso sabia que o filho acreditava numa coroa sem capitulações. Dom João sabia que o pai era dado a prodigalidades.</p>
<p>20</p>	<p>Na mesma sala de aula antiga, com ardósia.</p>	<p><u>P.P. :</u></p> <p>Em Maio de 1475, as forças portuguesas começam a avançar para Castela. O exército português dirige-se para Placência onde se encontra a Beltraneja. E é aí que, a 30 de Maio, Afonso V casa com a sobrinha que se proclama rainha de Castela. É um casamento estranho. D. Joana tem apenas 13 anos e D. Afonso V conta já com 43. O casamento nunca se consumará. São parentes próximos, precisam de legitimar o matrimónio junto do Papa. Isabel, a Católica moverá influências junto da Santa Sé para que tal não se concretize.</p> <p>D. João II continua a apoiar o pai que, entretanto, junta aos seus títulos de rei o de Castela e Leão.</p> <p>Os monarcas castelhanos, ao saberem disso, como retaliação, proclamam-se igualmente reis de Portugal. A guerra tem início com várias incursões e ataques de ambas as partes.</p>

21	Évora (?)	<p><u>P.P.:</u></p> <p>Enquanto regente, Dom João definiu prioridades: equilibrar como podia uma Fazenda corroída pelas despesas da guerra e pela ausência de receitas nas terras da nobreza; administrar a justiça, mostrando simpatia pelas queixas populares em relação aos abusos de poder senhorial; garantir que as manobras de diversão dos castelhanos em território português não eram bem sucedidas; e pôr ordem no comércio da Guiné, ameaçado por navios castelhanos que, a mando ou com o consentimento de Isabel, disputavam as riquezas portuguesas.</p>
22		<p><u>P.P. V.O.:</u></p> <p>A guerra da sucessão culmina com a Batalha de Toro na qual D. João II também luta para ajudar o pai. Mais uma vez destaca-se como guerreiro.</p> <p>O grande confronto, de 2 de Março de 1476, acabou por ser considerado ganho por ambos os lados, mas, na verdade, saldou-se por uma derrota política para Portugal.</p>
23	Évora	<p><u>P.P.:</u></p> <p>23</p> <p>Em dois momentos da regência, D João II revela saber como exercer a autoridade e usar a astúcia.</p> <p>Prova de autoridade: em face dos navios espanhóis que pilhavam e atacavam o ouro da Guiné, D João dá ordens para aprisionar os respectivos capitães e proteger a soberania portuguesa. Isabel é forçada a recuar.</p> <p>Prova de astúcia é o episódio da ameaça de invasão de</p>

		<p>Évora. Conta Garcia de Resende que a cidade esteve cercada por 2 mil castelhanos. Dom João não tinha exército para a batalha – os meios estavam em Castela, com o pai. Ordena então que 300 cavaleiros, todos os que tinha, galopassem de um lado para o outro, perto do acampamento do inimigo, de modo a parecerem dez vezes mais. O plano resulta. Os castelhanos recuam e Évora fica a salvo</p>
24	Embaixada de França	<p><u>P.P.:</u></p> <p>Este aspecto é importante. Um século mais tarde, o Cardeal Mazarino escreveria uma impressionante definição da política da época como sendo a “<i>arte de simular e dissimular</i>”. Dom João, sobretudo perante potências estrangeiras, sempre simulou grandeza, mesmo nos momentos difíceis; e dissimulou as fraquezas, como se viu no cerco de Évora.</p> <p>Também se diz, com acerto, que D. João II foi o primeiro monarca a usar, sistemática e planeadamente o que hoje chamaríamos serviços de informação. E na verdade, quer perante os outros Estados, quer em face das conjuras contra o trono, Dom João II conseguiu, quase sempre, saber o que o seu inimigo faria, sem o que o seu inimigo soubesse que ele sabia.</p>
25	Embaixada	<p>Voltemos às desventuras do rei em Castela. A guerra não estava a correr bem e Afonso V, num movimento mal medido, vai a França, na esperança de obter o apoio de Luís XI às suas pretensões.</p> <p>O rei de França, como se diz agora, “chuta para canto”. Recebe Afonso V com grandeza, mas condiciona um apoio que não quer dar. Destroçado, Afonso V segue,</p>

		<p>quase só, para Jerusalém e pensa na vida religiosa. Escreve a Dom João, abdicando da coroa e intimando-o a proclamar-se rei. Conta Garcia de Resende: “ <i>E em cumprimento do mandato del rey, o Príncipe foy alçado por el rey com toda a solenidade em Santarém</i>”.</p> <p>Estávamos em 1477. Mas D João só seria rei por 4 dias.</p>
26	Paulo Portas na embaixada de França, jardins.	<p><u>P.P. :</u></p> <p>De facto, DAfonso V é travado na sua peregrinação ao Médio Oriente – e ? ideias. Resolve voltar. Dom João devolve-lhe a coroa, mas não aceita partilhar o poder, como o pai desejava, porque o admirava profundamente. É outra vez Garcia de Resende a contar: “<i>sendo muito moço veio logo a ganhar autoridade com oos povos, com os nobres e com el rei seu pai, que não fazia conselho nem coisa grande em que não o metesse nem tivesse o seu parecer</i>”</p>
27	Aproximação à vila de Alcáçovas. Paisagem alentejana.	<p><u>P.P. - V.O. :</u></p> <p>Enquanto D. Afonso V fez a guerra com Castela e não a ganhou, Dom João tinha outra visão: contratualizar uma paz com os reis católicos que garantisse a independência de Portugal e os seus direitos além mar. Essa visão ganhará forma com o Tratado de Alcáçovas.</p>
28	Paulo Portas numa rua, praça, largo de Alcáçovas.	<p><u>P.P. :</u></p> <p>Foi aqui, em Alcáçovas, que esse Tratado foi assinado – a 4 de Setembro de 1479. D. João II conseguiu reverter uma situação delicada para Portugal num acordo estrategicamente positivo para os nossos interesses.</p>

29	<p>Mapa da costa de África, costa da Guiné.</p> <p>Imagem de D. Joana, a Beltraneja.</p>	<p><u>P.P. - V.O.:</u></p> <p>O príncipe tinha um objectivo – retirar os castelhanos da costa africana, reservando para Portugal o comércio de ouro na Guiné. Enquanto negociador, apercebeu-se que os Reis Católicos eram – ainda – vulneráveis. E sabia que D. Joana, a Beltraneja, ainda era um trunfo, e jogou-o.</p>
30	<p>Paulo Portas numa rua, praça ou largo de Alcáçovas.</p>	<p><u>P.P.:</u></p> <p>O que obtêm D. João?</p> <p>Muito: garante para os portugueses a zona de Marrocos, todo o comércio da rota da Guiné e – o que não é despiciendo - o mar desconhecido em direcção ao sul. Os próximos 20 anos dos descobrimentos portugueses beneficiarão muito desta liberdade incondicional</p>
31	<p>Alcaçovas</p>	<p><u>P.P.:</u></p> <p>E o que oferece D. João?</p> <p>Alguma coisa – as Canárias. Mas nada que verdadeiramente nos fizesse falta.</p> <p>Oferece, sobretudo um direito teórico: a renúncia à pretensão da coroa castelhana. Portugal reconhece Isabel como rainha legítima e promete em casamento a um dos seus filhos a infeliz D. Joana; em alternativa, a <i>Beltraneja</i>, conhecida em Portugal como <i>Excelente Senhora</i>, pode professar a vida religiosa, o que de facto sucederá.</p> <p>Há quem diga que o velho rei D. Afonso terá ficado triste com o destino que o filho traçou para D. Joana. Mas o futuro já começara ele não o alterou.</p>
32	<p>Paulo Portas numa rua, praça ou largo de Alcáçovas.</p>	<p><u>P.P.:</u></p> <p>O tratado incluía, ainda, outra cláusula matrimonial. Dom</p>

		<p>João já tinha um filho – também ele chamado Afonso. Ficou assente que casaria com a filha de Isabel a Católica, também ela chamada Isabel. Seriam educados juntos, aqui bem perto, em Moura.</p> <p>Assim se desenha o plano de Dom João: a independência de - e a grandeza – de Portugal estão ligadas à expansão marítima; a paz com Castela fica estabelecida e, se um dia as coroas se unirem, será sob a égide de um varão português</p>
33	<p>Animação:</p> <p>Mapa do mundo dividido em duas partes de acordo com o disposto no Tratado de Alcáçovas.</p>	<p><u>P.P. - V.O.:</u></p> <p>D. João II consegue a proeza de garantir para os portugueses a zona de Marrocos, todo o comércio da rota da Guiné e o mar desconhecido mais a Sul. Em troca, oferece as Canárias aos nossos vizinhos.</p>
34	<p>Paulo Portas numa rua, praça, largo de Alcáçovas.</p>	<p><u>P.P. :</u></p> <p>Alcançada a divisão do Atlântico por uma linha horizontal ao nível das Canárias, o Príncipe Perfeito tinha todas as condições para iniciar a sua verdadeira ambição – fazer todas as viagens, todas as navegações, todas as expedições, todas as descobertas que nos levassem à Índia.</p> <p>Faltava, apenas, uma condição: ser “o senhor dos senhores, e não servo dos servidores” no reino de Portugal. Numa palavra, ser respeitado como rei e exercer o poder sem hipotecas. Para uns D. João II viria a ser uma espécie de César. Para outros, foi um monarca paternalista. Em qualquer caso, a sua forma de ser rei fundou o estado moderno em Portugal</p>
35	<p>Paulo Portas à saída de Alcáçovas, com paisagem de Alentejo.</p>	<p><u>P.P. V.O.:</u></p>

	Paulo Portas entra em carro e arranca.	<p>D. João só será aclamado rei, definitivamente, após a morte do pai.</p> <p>Corria o ano da graça de 1481. D. João II sobe ao trono com 26 anos.</p> <p>Com a larga experiência que já tinha e com a paciência que mostrara, não é de estranhar que soubesse exactamente o que queria, quando convocou as Cortes de Évora, que inauguram o seu reinado.</p>
36	Paulo Portas conduz carro que arranca. Carro anda pela planície alentejana.	
37	Paulo Portas em carro. Carro na planície alentejana. Paisagens.	<p><u>P.P. - V.O.:</u></p> <p>Quando D. Afonso V morre, em 1481, e o Príncipe Perfeito é definitivamente aclamado rei, já reúne uma larga experiência política. Por isso, não é de estranhar a sua determinação e perspicácia de actuação nas primeiras cortes de Évora convocadas logo para esse ano.</p>
38	Évora - jardim.	<p><u>P.P.:</u></p> <p>Foi em Évora, a sua cidade preferida, que D. João II iniciou o controverso processo de reforço do poder real. O soberano estava na ofensiva. Já exigira da nobreza portuguesa um verdadeiro juramento de obediência. Mal habituados por Afonso V, senhores feudais de uma parte do país, alguns nobres das Casas mais importantes, ouviram o discurso de abertura do Dr. Vasco Fernandes de Lucena. Nesse discurso, combinado com o rei, ficava claro o que era jurar a obediência ao soberano: não atentar contra a sua vida; não revelar segredos do rei;</p>

		<p>respeitar a Fazenda do Estado; obedecer à justiça real; não dificultar ao monarca o que com ele se pudesse resolver a bem.</p> <p>O juramento devia ser repetido – ao grito de “<i>real, real, real, pelo muito alto muito excelente e muito poderoso senhor el rei Dom João</i>” – pelos alcaides dos castelos e procuradores das cidades e das vilas, em todo o país.</p> <p>Nas cortes, a <i>homenagem</i> seria prestada com o nobre ajoelhado e o rei sentado. O presságio de um sério conflito entre o rei e a aristocracia, ficou marcado pela atitude do Duque de Bragança. Ele era o chefe da primeira casa ducal do país. Achava que só a <i>ele</i> deviam obediência os súbditos de mais de 50 castelos, vilas e lugares. Foi o primeiro a vergar-se à autoridade de D. João II mas fê-lo sobre protesto – “<i>coagido</i>”, terá dito.</p>
39	Paulo Portas em Évora, jardim.	<p><u>P.P. :</u></p> <p>D. João II não se limitou aos aspectos de forma. Nas cortes, aqui em Évora, foi ao fundo da questão: quem exercia o poder em Portugal? O rei ou a nobreza?</p> <p>D. João deixou os procuradores do povo falar. Falaram, para criticar os abusos e as extorsões do poder feudal. Em vários pontos, o soberano deu-lhes razão. Cortou cerce o poder judicial dos senhores nas suas terras; substituiu os <i>adiantados</i>, normalmente, parentes da aristocracia colocados na administração das comarcas, por representantes reais, isentos e preparados; limitou severamente o poder da nobreza cobrar “pedidos” – impostos extraordinários – nos seus domínios; e sobretudo, exigiu a demonstração com documentos dos privilégios das nobreza. Perante o “<i>mui grande escândalo</i>” que esta medida provocou, mesmo junto da corte, D. João</p>

		<p>manteve-se inflexível.</p> <p>O poder feudal não perdoaria a D. João II. Respondeu de duas maneiras: conspirando com Castela e projectando a morte do rei.</p>
40	<p>Imagem do desenho da sala das cortes.</p> <p>Imagem de D. João II.</p> <p>Imagem do escudo de D. João II. Imagem do pelicano.</p>	<p><u>P.P. - V.O.:</u></p> <p>D. João II é o primeiro rei português a concentrar o poder nas suas mãos. À semelhança do que acontecia no resto da Europa, o monarca entende que, para concretizar a sua política, fazer o reino progredir e tornar-se um estado poderoso, precisa de retirar os excessivos poderes à nobreza. Pretende governar para o povo. Numa posição paternalista de senhor único dos destinos do reino, assume-se como grande defensor e responsável único. É disso exemplo máximo a frase que adoptou: Pela tua lei e por tua grei, para a divisa do pelicano que, ao ferir o peito, garante o sustento dos filhos.</p>
41		<p><u>P.P. V.O.:</u></p> <p>Para os critérios da época, D. João II não era ainda um monarca absoluto, apesar de concentrar o poder. Nem era, tão pouco, um rei democrático, apesar de se apoiar nos representantes do povo. A sua atitude — o reino tinha um único senhor que protegia a sua gente — era espelhada no símbolo que escolheu: um pelicano que, ao ferir o peito, garante o sustento dos seus filhos.</p>
42	<p>Paulo Portas em Évora.</p>	<p><u>P.P. :</u></p> <p>Após as cortes de Évora, o conflito entre o monarca e a nobreza cresce num clima de conspiração e alianças com</p>

		o vizinho reino castelhano. O final da crise interna vai saldar-se numa profunda derrota para as grandes casas senhoriais.
43	Évora, jardim	<p><u>P.P.:</u></p> <p>Voltemos às cortes de Évora. D. João II obtém informações relevantes. Chegam às suas mãos cartas do Duque de Bragança ra os reis de Castela, prova inequívoca de que tinha outras lealdades. O rei, porém, não as usa imediatamente. Não queria, nem podia</p>
44	Paulo Portas em Évora Praça do Giraldo	<p><u>P.P.:</u></p> <p>Não podia porque, no âmbito do tratado de Alcáçovas, como já vimos, o seu filho Afonso, bem como a infanta Isabel de Castela, estavam em regime de terçarias, à guarda de familiares do Duque de Bragança, não longe daqui, em Moura.</p> <p>Só dois anos depois é que D. João consegue pôr fim às terçarias e recupera a posse do filho.</p> <p>Por outro lado, não queria. Ao longo da sua perigosa luta com a nobreza portuguesa, D. João deu sempre uma oportunidade aos que contra ele conspiravam. Avisou-os. Esperou que rectificassem. E só agiu – por vezes, violentamente - quando nada mais havia a fazer e tinha as cartas na mão.</p> <p>Ficou célebre a sua recomendação de paciência no Governo do Estado: "há tempos de coruja e tempos de falcão"</p>

45	Évora, Praça do Giraldo	<p><u>P.P.:</u></p> <p>Certo é que D. João II só agiu como falcão quando o seu filho estava a salvo. Consegui-o, simulando uma ameaça: casar a eterna D. Joana com um rival dos reis católicos. Isabel preferiu a estabilidade, não houve casamento algum, as terçarias acabaram e os infantes voltaram, respectivamente, para as famílias reais de Portugal e Castela.</p> <p><u>PP-VO:</u></p> <p>Dias depois, conhecedor de novas reuniões conspirativas em que o Duque de Bragança, o Duque de Viseu e outros, abertamente solicitavam uma invasão de Castela e prometiam defender as posições de Isabel, a Católica, o rei de Portugal chama o Duque de Bragança ao paço. Comunica-lhe o que sabe, coloca-o sob prisão e manda julgá-lo. O Duque – Fernando de seu nome – é apanhado de surpresa mas percebe, com dignidade, o que o espera. A um amigo que lhe esperanças, D. Fernando responde: 'um homem tal como eu não se pren e para se soltar'.</p> <p><u>PP:</u></p> <p>A sentença é unânime. O duque de Bragança será acusado de traição e condenado à morte, o que aconteceu precisamente aqui na praça do Giraldo.</p>

		A conspiração fica literalmente sem cabeça.
46	Paulo Portas na Praça do Giraldo, em Évora.	<p><u>P.P.:</u></p> <p>D. João II revela uma determinação implacável em aniquilar os inimigos. D. Fernando é julgado, acusado de traição e condenado à morte. Será decapitado em público, aqui na Praça do Giraldo. Os bens da casa de Bragança são confiscados.</p> <p>São tempos sombrios que se vivem no reino português. Avisado de uma outra conjura para assassiná-lo, D. João II age rapidamente. Um dos implicados é o irmão da sua mulher, D. Diogo, duque de Viseu a quem o rei já tinha aconselhado a desistir das tramas de conspiração.</p>
47	<p>Animação: Sangue escorre por baixo de uma porta fechada.</p> <p>Ficção</p>	<p><u>P.P. - V.O.:</u></p> <p>Vivem-se tempos sombrios no reino de Portugal. A segunda conjura para assassinar D. João II envolveu, nada mais nada menos o irmão da rainha, D Diogo.</p> <p>Mais urna vez, o rei convida o conjurado a desistir da trama. Mas D. Diogo não lhe deu ouvidos. Três vezes presente D. João II que, no próprio paço ou em passeios de barco e a cavalo, o tentam liquidar. Escapa por pouco; e só escapa porque informadores, o informaram.</p> <p>A 20 de Agosto de 1484, D. Diogo tinha 200 lanças à espera do rei para o eliminar. D. João II iludiu-o. No dia seguinte, chama-o à sua presença. Trata pessoalmente do assunto. Pergunta a D. Diogo: - 'Duque, que fariéis vós a quem vos quisera matar?'</p>

		<p>-"Matá-lo-ia", respondeu D. Diogo</p> <p>-"Pois o que vós em mim ordenáveis; em vós se cumpre", terá respondido o rei que o apunhalou.</p> <p>Estamos no século XV. O valor da vida é diferente. E em certo sentido, D. João matou para não morrer.</p>
47	Évora	<p>Apesar de implacável nestas situações, os cronistas da época descrevem D. João II como um homem prudente e formal, mas emotivo, bem disposto e perspicaz. Adorava xadrez e gostava de festas. Quando era visitado por estrangeiros, não poupava em dignidades nem honrarias. Tinha um apuradíssimo sentido da imagem de Portugal no exterior.</p>
47		<p><u>PP – VO:</u></p> <p>A partir do momento que ficou claro quem detinha o poder, o caminho estava livre para D. João II executar os seus planos de Governo.</p> <p>O Príncipe Perfeito vai, então, solidificar alianças e lançar-se na aventura ultramarina. É a época áurea do seu reinado.</p>
48	rio	<p><u>P.P. :</u></p> <p>A primeira ideia de D. João II é estabelecer uma feitoria no Golfo do Guiné, protegida por uma fortaleza. Objectivo: criar um entreposto comercial em Africa, proteger o ouro, apoiar os navegadores.</p> <p>O que hoje nos parece normal, no Sec. XV era inédito. Partem de Portugal nada menos do que 12 navios. Alguns vão carregados de pedras, madeiras, talhas, ferramentas</p>

		<p>e outros materiais de construção. De raiz será levantado um forte; de raiz será construída uma Igreja.</p> <p>Tudo isto é feito em paz. O emissário de Dom João negocia com Caramanasa, o soba de S. Jorge de Mina. Cerca de 60 portugueses ficam residentes. O comércio frutifica, Portugal afirma-se.</p> <p>Dom João II inicia, assim, a colonização da África descoberta.</p>
49	<p>Rio</p> <p>(Cena ficcionada: Cronista escreve em papel com pena. Luz de vela. Fundos misturados.</p> <p>A retirar ?)</p>	<p><u>P.P. : (?)</u></p> <p>Era o ponto de partida. Mas Dom João procurava um porto de chegada: a Índia.</p> <p>Para executar este plano, Dom João II rodeou-se dos melhores cientistas e de navegadores de excepcionais. Investiu na rota marítima e enviou expedições por terra.</p> <p>Se um estadista se define pelos colaboradores que escolhe, a lista dos homens excepcionais que trabalharam com o Príncipe Perfeito é eloquente – Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, Pêro da Covilhã, ou o astrónomo judeu Abraão Zacuto, expulso de Espanha e recebido na corte portuguesa.</p>
50	<p>Rio Tejo</p>	<p><u>P.P. :</u></p> <p>Para descobrir o caminho marítimo para a Índia, Dom João II teve de arriscar muito. A primeira viagem de Diogo Cão, um dos seus escudeiros, dura ano e meio e passa claramente o equador. Navegando por mares temidos, Diogo Cão atinge o Gabão e o Zaire e chega a uma latitude 13º graus a sul, já em Angola. São passos de gigante; foi assim que Portugal deu mundos ao mundo.</p>

		<p>O Príncipe Perfeito manda Diogo Cão fazer uma segunda viagem. Estamos em 1485. O navegador, sempre à procura do ponto em que Africa acabava, aproxima-se do Trópico de Capricórnio. Chega à latitude 22 graus a sul, na zona da actual Namíbia.</p> <p>Nos regulamentos das viagens estava escrito o que Dom João queria : a missão era abrir passagem para Oriente, procurando-a no oceano ou pelos rios.</p>
51	Rio Tejo	<p>P.P.:</p> <p>Por isso, Diogo Cão, nas suas duas viagens, não se limita a navegar cada vez mais para sul. Envia emissários pelo rio Zaire acima. Percorrem uma longa distância, por entre florestas deslumbrantes e ameaçadoras. Os portugueses encontram então o soba Manicongo. Dão-lhe presentes que Rui de Pina descreve como <u>“coisas boas, e finas, e de muita valia”</u>.</p> <p>No regresso, Manicongo envia ao Rei de Portugal um embaixador. Pede-lhe materiais modernos, solicita-lhe padres e frades, aceita a conversão. Deste encontro histórico, nasce a corte cristã do Rei do Congo – e o seu embaixador receberá mesmo o baptismo, tendo por padrinhos o Rei e a Rainha de Portugal.</p> <p>Nada disto é feito à força.</p>
52		<p><u>P.P. V.O:</u></p> <p>Ao mesmo tempo que procurava contornar Africa, Dom João envia missões por terra à procura do mítico reino cristão do Prestes João.</p> <p>Os primeiros expedicionários não passam da Terra Santa, porque não dominavam o árabe. Mas a expedição de Pêro da Covilhã e Afonso Paiva é proveitosa: falam várias</p>

		<p>línguas, disfarçam-se de mercadores e são verdadeiros espiões. Põem-se a caminho em Maio de 1487. Depois de chegarem ao Cairo, alcançam, um ano depois, Aden.</p> <p>Aí se separam. Pêro da Covilhã prossegue e desembarca em Cenacor, Calecute e Goa, já na Índia. Recolhe informações preciosas sobre os ventos, sobre especiarias, sobre os costumes. O Rei fica informado sobre o negócio da pimenta e da canela; o que plano da Índia fica enriquecido com as notícias sobre a navegabilidade dos mares e a acessibilidade dos território.</p> <p>Através de um judeu que era agente do Príncipe Perfeito, o relato é enviado para Portugal. Pêro da Covilhã parte de novo com destino à Abissínia.</p>
53	Rio Tejo	<p><u>P.P. :</u></p> <p>Em finais de 1488, Dom João II recebe o melhor prémio do seu esforço, a melhor notícia do seu reinado.</p> <p>Bartolomeu Dias, outro escudeiro da Casa Real, vai à frente de três caravelas e ultrapassa o mundo já descoberto por Diogo Cão. Atinge 34 graus a sul do equador – e estamos na actual Africa do Sul. Vencendo tempestades perigosas e fazendo uso de uma determinação tenaz, Bartolomeu Dias, finalmente, encontrou o Cabo das Tormentas. É o extremo meridional de Africa.</p> <p>Dom João II dá-lhe um nome sugestivo: Cabo da Boa Esperança. É a viragem decisiva na conquista do Atlântico Sul. Os portugueses abrem caminho marítimo para a Índia – como o rei sempre sonhara</p>

54		<p><u>P.P. V. O :</u></p> <p>“Aqui ao leme sou mais do que eu: / Sou um povo que quer o mar que é teu; / E mais que o mostrengo que a me alma teme / e roda nas trevas do fim do mundo / Manda a vontade, que me ata ao leme, / De El-Rei D. João Segundo!”</p> <p>(Mensagem, Fernando Pessoa)</p>
55	<p>Animação: Mar revolto.</p> <p>(55-I) Vivo junto ao Tejo</p>	<p><u>P.P.V.O.:</u></p> <p>A vontade titânica de Dom João II é recompensada. Bem rodeado e bem aconselhado, o Príncipe Perfeito define, executa e mantém um plano que é um sucesso. Os navegadores portugueses provaram que o oceano era navegável; que o mundo equatorial era habitado; que era possível navegar longe da costa e orientar-se pelo sol e pelas estrelas; que África era contornável; que havia forma de chegar à Índia pelo mar; que a terra era arredondada e circun-navegável; e ainda viriam a provar mais a Ocidente, que a América era contínua; e que havia, no sul do continente americano, uma costa navegável, tal como a africana.</p> <p><u>P.P.:</u></p> <p>O mar, no século XV, era como o espaço, no século XX. Sob a direcção do Príncipe Perfeito, Portugal foi pioneiro, foi moderno e foi global.</p>
56	Estúdio, com Mesa e croma ?	<p><u>P.P. :</u></p>

		<p>No início, D. João II afastara a concorrência de Castela na aventura africana. Agora, precisa de legitimar, internacionalmente, os Descobrimentos, garantindo um império comercial. Talvez por isso, resistiu ao ímpeto de enviar imediatamente navios para a Índia. Na forja estava um novo tratado para estipular o que era o mar português. Isso aconteceria em 1494, com o Tratado de Tordesilhas.</p>
57	<p>Imagens de Cristóvão Colombo. Imagens das embarcações de Colombo. Imagem da rota de Colombo.</p>	<p><u>P.P.-V.O.:</u></p> <p>O catalisador desta negociação foi Cristóvão Colombo. O Príncipe Perfeito não patrocinou os seus projectos. Colombo prometia chegar à Índia pelo Ocidente. Naquele tempo, D. João já sabia que os cálculos de Colombo não podiam estar certos. D. João achou – e tinha razão – que Diogo Cão estava mais perto da verdade e da Índia. O caminho para lá chegar teria de se fazer contornando Africa. O estilo exuberante de Colombo, exigindo consideráveis rendas e títulos do que descobrisse, deixara D. João II, mais formal, desconfiado.</p>
58		<p><u>P.P. - V.O.:</u></p> <p>Depois de muitas tentativas, Colombo convenceu Isabel Católica a apoiá-lo. No regresso da viagem em que descobriu Guanahani, Cuba e Haiti, Colombo passa por Lisboa, convencido de que descobrira a Índia. Dom João II presente o perigo de uma situação nova, em que os castelhanos, apesar de errados no destino, eram afortunados pela descoberta de terras a Ocidente, terras</p>

		<p>de que a Corte Portuguesa tinha rumores.</p> <p>Toma, então, uma decisão: reclamar para Portugal, com base no Tratado de Alcáçovas, as terras que Colombo achara. Com uma mão, despacha uma embaixada para Castela; com a outra, prepara uma frota para tomar posse dessas conquistas americanas.</p>
59	Estúdio, com mesa e croma.	<p><u>P.P. : (?)</u></p> <p>O movimento do Príncipe Perfeito, nesta situação adversa, surte efeito.</p> <p>Começam as negociações com Castela, que mobilizarão os melhores talentos diplomáticos do reino.</p> <p>Isabel a Católica tem um forte aliado no Papa espanhol, Alexandre VI.</p> <p>A primeira proposta chega sob a forma de uma bula papal: impunha uma linha divisória no Atlântico, cerca de 100 léguas a Ocidente de Cabo Verde.</p> <p>Dom João II não aceita. Tanta resistência opõe que Castela aceita a contra-proposta do Príncipe Perfeito: a linha que divide - digamos assim – o “mundo português” do “mundo castelhano” é afastada para mais 270 léguas para Ocidente, um ganho imenso que permitirá a Portugal reclamar, anos depois, o Brasil.</p> <p>Tordesilhas consuma a habilidade diplomática de D. João II. Um pequeno país, com pouco mais de um milhão de habitantes, apossava-se de “meio mundo”, seguro das descobertas que já fizera em África e no Oriente.</p>
60	Estúdio com mapas e croma	<p><u>P.P. :</u></p>

		<p>Porque terá Dom João II exigido as 370 léguas? Nessa época de política sigilosa, podem ter existido viagens secretas, com resultados que não conhecemos. Há indícios de que o Príncipe Perfeito conhecia a <u>possibilidade</u> de um território a Ocidente.</p> <p>De qualquer modo, o sinal de Colombo não podia ser desprezado. Dom João II terá sido cauto e precavido: quanto mais estendesse a soberania portuguesa em direcção à América, mais garantiria para Portugal novas oportunidades e novos Descobrimientos.</p> <p>Afastados de África e sem saberem onde ficava a Índia, os espanhóis eram agora obrigados a partilhar a América do Sul. Aos dois países convinha condicionar a navegação de terceiros nestes mares.</p>
61	<p>Mapas do mundo da época.</p> <p>61-I</p>	<p><u>P.P.-V.O.:</u></p> <p>O Tratado de Tordesilhas teve uma longa vigência – pelo menos até ao último quartel do Sec. XVIII. Não foi cumprido ao pormenor: os portugueses foram além da sua linha no Brasil, e os espanhóis foram além da nossa nas Molucas.</p> <p><u>P.P.:</u></p> <p>A política tem consequências. Tordesilhas é a consequência fabulosa de uma política ultramarina em que Portugal se abriu do mundo, teve sentido de risco, foi vanguarda científica e concentrou energias, não em guerras inúteis, mas em conquistas importantíssimas.</p>
62		

		<p><u>P.P. V.O.:</u></p> <p>Dom João II era um estadista realizado, e levou Portugal a uma posição internacional que nunca mais se repetiria. A nível interno, viviam-se tempos de paz e a independência estava garantida.</p> <p>No entanto, Dom João II não era um monarca feliz.</p>
63	Évora	<p><u>P.P.:</u></p> <p>Em 1490, cumprira o seu plano: casar o Infante D. Afonso, herdeiro da coroa, com D. Isabel, filha dos reis católicos.</p> <p>Esse casamento representava, para o Príncipe Perfeito, uma chave dupla. Por um lado, impunha uma certa paz entre os dois reinos peninsulares, cada um ficando livre para os seus desígnios: Portugal para a política da expansão, Espanha para concluir a sua unificação como Estado. Por outro lado, D. João sabia que, se um dia as circunstâncias o permitissem, qualquer união ibérica seria feita sob o trono português.</p>
64	Évora	<p><u>P.P. :</u></p> <p>O casamento de Afonso e Isabel representa uma outra faceta de Dom João II. Ele percebeu, sempre, que o respeito devido a um Estado é o respeito que esse Estado impõe. Levava este princípio muito a sério e aplicava-o no protocolo.</p> <p>Se os casamentos reais eram verdadeiros tratados internacionais, então o casamento de um infante português com uma infanta espanhola teria,</p>

		<p>necessariamente, de ser inesquecível ; havia de por os espanhóis em sentido, no melhor sentido da palavra – a grandeza, a dignidade, aquilo a que os franceses chamam ‘panáche’.</p> <p>Dom João II pediu financiamento para os festejos. Não definiu montante; cada qual daria o que pudesse. Bastante terá recolhido : contam os cronistas que o cerimonial foi o maior jamais visto em Portugal.</p> <p>Mas esta felicidade dura pouco tempo.</p>
65	Évora	<p><u>P.P.:</u></p> <p>No Verão seguinte, a família real irá para Santarém. D. Afonso, numa certa tarde, vai passear a cavalo. Acontece um incidente inesperado. O seu galope é interrompido por uma violenta queda. D. Afonso fica inconsciente e morrerá 24 horas depois.</p>
66		<p><u>P.P. – V.O :</u></p> <p>“Na força do correr, o cavalo do Príncipe caiu e o levou debaixo de si, onde logo de improviso ficou como morto, sem fala e sem sentidos”</p> <p>(Garcia de Resende)</p>
67	Pavilhão de Portugal Pala	<p><u>P.P. :</u></p> <p>Os anos dourados de Dom João II estavam no fim. O Rei fica atormentado pela sucessão da coroa; a tranquilidade com Castela está em risco; renasce a oposição na Corte. E desta vez, os adversários são muitos. Chegam à própria Rainha.</p> <p>Na verdade, a morte de D. Afonso coloca um problema. O</p>

		<p>Príncipe Perfeito tinha um filho ilegítimo – D. Jorge. Durante a próxima década, esse filho tinha sido tolerado. A queda do herdeiro levará Dom João a tentar legitimá-lo para a sucessão : opõe-se a Santa Sé, opõe-se Castela, opõe-se uma parte da nobreza que espreita a desforra e opõe-se, compreensivelmente, a Rainha D. Leonor.</p> <p>Motivo: na ordem necessária, se D. Jorge era o herdeiro, deixaria de o ser D. Manuel, irmão de D. Leonor.</p>
68	Pav. Portugal Pala.	<p><u>P.P. :</u></p> <p>D. Leonor foi uma grande rainha. Ficamos a dever-lhe a fundação das Misericórdias, e uma política de assistência social aos mais pobres e aos doentes que era única na Europa desse tempo. Também vai a seu crédito o patrocínio das artes e da liberdade cultural.</p> <p>D. Leonor suportou lealmente, as medidas de D. João para controlar o poder. Eram medidas contra a sua própria estirpe. D. Leonor estava familiarmente ligada às casas de Bragança e Viseu. D. Diogo era seu irmão e viu perder a vida por atentar contra o rei.</p> <p>O que sabemos do casamento é que, no declínio de D. João a rainha se opôs à ascensão do filho ilegítimo e obteve do Príncipe Perfeito em testamento a clara indicação de que o seu irmão, D. Manuel, seria rei de Portugal.</p> <p>(Rainha D. Leonor)</p>
68 bis (70)	Pav. Portugal Pala	<p><u>P.P.:</u></p> <p>Como frequentemente acontece com os grandes homens, D. João morre relativamente só em Alvor, no Algarve.</p>

		<p>Dos seus últimos gestos, um é marcante: a nomeação de Vasco da Gama para ser o capitão da frota que deveria ir à Índia. O Príncipe Perfeito já não verá os resultados da sua obra.</p> <p>Marcado pela doença, D. João tem consciência do fim. Alguns relatos afirmam que a sua última palavra foi “Jesus”.</p> <p>Morria um rei irrepetível. (Morte)</p>
69		<p>“El rei faleceu sem pai, nem mãe, sem filho, nem filha, , sem irmão, nem irmã, e ainda com muito poucos, fora de Portugal, no reino do Algarve, muito pequeno lugar”.</p> <p>(Garcia de Resende)</p>
70		<p style="text-align: center;"><u>P.P. :</u></p> <p>Contei-vos a história de D. João II. Falta dizer-vos porque é que D. Joao II foi <u>o Grande Português</u></p> <p>D. Joao II não fundou a nacionalidade. Mas foi com ele que Portugal se fez universal.</p> <p>D. Joao II não era navegador. Era um homem de Estado: promoveu as navegações, planeou os Descobrimentos e conseguiu, para Portugal, o maior prestígio internacional de sempre.</p> <p>D. Joao II não viu os resultados da sua obra. Por exemplo, não viu a Índia. Mas foi ele quem, contra ventos</p>

		<p>e marés, planeando, arriscando e recrutando os melhores, perseguiu o objectivo da Índia e abriu caminho para lá chegar.</p> <p>D. Joao II não era poeta. Era apenas culto – e foi a sua visão que deu a Portugal a grandeza que os poetas celebraram.</p> <p>Façam comigo um exercício. Comparem o Portugal do século XV com o Portugal do século XX. Com D. Joao II, Portugal foi central no mundo; no final do século XX, Portugal estava na cauda da Europa. Com D. João II Portugal foi moderno; no século XX, a situação de Portugal só pode definir-se numa palavra : <u>atraso</u>. É a diferença entre o esplendor e a tristeza.</p> <p>D. Joao II foi a metáfora de um Portugal arrojado, vanguardista, culto, científico, grande, épico, universal – um Portugal que não voltou a repetir-se. O Príncipe Perfeito tinha defeitos – eram os da época. Mas as suas qualidades são intemporais – foi um estadista muito à frente, foi um Português à frente do seu tempo, teve a visão e a força que levaram Portugal, atrás de si.</p>
		<p>FIM</p>